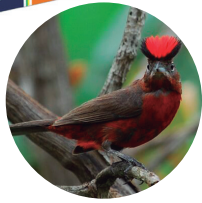
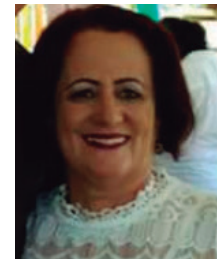


ELEIÇÕES 2016

**Aparecida, Cachoeira Dourada,
Campo Alegre e Firminópolis
têm craques da Camisa 11**



CERRADO



Goiânia, SÁBADO, 4 de junho de 2016

www.wildermorais.com.br
facebook.com/wildermorais
instagram.com/wildermorais
twitter.com/wildermorais

PARQUE MARCOS VEIGA JARDIM

Uma obra de arte de 66 mil m² de lazer, esporte e cultura



A imagem acima é do Parque Marcos Veiga Jardim, que fica atrás do Autódromo Internacional de Goiânia, e foi entregue pelo governador Marconi Perillo. Edificado a partir de moderno conceito arquitetônico, o complexo tem área de 66 mil metros quadrados e recebeu investimentos de R\$ 9,7 milhões, recursos do Governo de Goiás.

O parque conta com pista de caminhada,

três fontes com chafarizes, playground de aço inoxidável, teatro arena, duas quadras poliesportivas e duas de areia (para futebol, peteca e vôlei) – ambas iluminadas –, espelho d'água com pergolado, lanchonete, quiosques para alimentação, estacionamento (270 vagas para carro e 50 para motos), vários bicicletários, e também uma pista de skate oficial, que poderá receber

competições nacionais e internacionais, além de shows e apresentações teatrais.

“Mais uma obra de muito bom gosto. Esse parque não é do Governo do Estado. Fomos apenas encarregados de construí-lo. É um parque do povo de Goiânia, do povo de Goiás. Dos skatistas, ciclistas, dos amantes do vôlei, da música”, disse Marconi, no discurso da entrega.

MARINASCUSACETOP

ARTHUR SCHOPENHAUER

O pessimismo do filósofo pesava como chumbo na alma da mãe

SINÉSIO DIOLIVEIRA

Escrever, no sentido de verdadeiramente dominar o assunto que se está abordando, é um processo que exige conhecimento do escriba. Falta de clareza é um pecado gravíssimo, é como se as palavras estivessem nuas sem vestir objeto algum. O poeta romano Horácio (65 a.C. - 8 a.C.) tem um conselho muito interessante àqueles que se enveredam pelo mundo da escrita. Ele recomenda a escolha de uma matéria que esteja “à altura das forças” do escriba. No livro “A arte de escrever”, do filósofo Arthur Schopenhauer, o leitor vai encontrar uma infinidade de advertências sobre “a arte de escrever”.

A respectiva obra, na verdade, é uma antologia extraída de “Parerga de Parilipomena”, cujo significado é “escritos filosóficos meno-

res”. Nela Schopenhauer, que morreu em 1860 aos 72 anos, vitimado por uma pneumonia, emite sua opinião sobre diversos assuntos, que estão divididos em cinco capítulos: 1- Sobre a erudição e os eruditos, 2- Pensar por si mesmo, 3- Sobre a escrita e o estilo, 4- Sobre a leitura e os livros e 5- Sobre a linguagem e as palavras.

Pedro Sússekind, doutor em filosofia pela UFRJ e tradutor do livro, nas palavras iniciais da sua apresentação, faz uma observação interessante: “Para traduzir os textos de Schopenhauer, um poliglota e um estudioso da linguagem com uma visão muito crítica acerca do exercício da tradução, é preciso deixar de lado sua recomendação: ‘Escreve seus próprios livros dignos de serem traduzidos e deixe outras obras como elas são’”. No capítulo 3, o filósofo diz que “todas traduções são

imperfeitas”. Relata que “já ocorreu muitas vezes de um livro anterior excelente ser substituído por novos, piores, escritos apenas para ganhar dinheiro...”

A jugular dos eruditos, Schopenhauer alveja sem piedade (e de modo satírico): diz que “a peruca é o símbolo mais apropriado para o erudito puro”. A peruca é metaforizada como ideias alheias que o erudito põe em sua cabeça. “Trata-se de homens que adornam a cabeça com uma rica massa de cabelo alheio porque carecem de cabelos próprios”. Segundo ele, “em geral, um erudito tão exclusivo de uma área é análogo ao operário que, ao longo de sua vida, não faz nada além de mover determinada alavanca, ou gancho ou manivela de um determinado instrumento ou máquina, de modo a conquistar um inacreditável virtuosismo nessa atividade”.

‘Excesso de leitura e escrita prejudica o pensamento próprio’

Schopenhauer repudia a displicência no ato de escrever. Para ele, o escriba que toma esse caminho “confessa com isso, antes de tudo, que ele mesmo não atribui grande valor a seus pensamentos”. O filósofo rechaça o excesso das atividades de ler e escrever: aponta-as como “prejudiciais ao pensamento próprio”. O excesso impede o acesso à “clareza e profundidade do saber e da compreensão”. É a ausência disso, “e não a aridez do assunto, que torna a maioria dos livros tão incrivelmente entediante”. O autor metaforiza brilhantemente a habilidade no ato de escrever: “Um bom cozinheiro pode dar gosto até a uma velha sola de sapato; da mesma maneira, um bom escritor pode tornar interessante mesmo o assunto mais árido”.

Relação conflituosa

Pessimismo era algo constante na vida de Schopenhauer. Nietzsche, que foi muito influenciado por ele, o chamava de “cavaleiro solitário”. Sua língua era ferina. Fosse hoje a sua frase dizendo que “a mulher é um animal de cabelos longos e ideias curtas”, as feministas certamente decepariam sua língua (ou coisa pior). Entre ficar perto de Hegel e um jumento relinchando incessantemente, Schopenhauer optaria pela última: “Hegel, um charlatão banal, vazio, repugnante e ignorante, que mistura insanidade e disparates com uma arrogância

sem precedentes, o que os seus partidários transmitem como se tratasse de sabedoria imortal tida como verdade por idiotas... condenou à ruína toda uma geração de intelectuais”

A relação nada amistosa de Schopenhauer para com Adele, sua irmã, levou-a a chicotear verbalmente o irmão, dizendo que não suportava a presença dele. “É o inimigo da minha alegria, da minha vida. Quando estou diante dele, sinto morrer em mim toda a minha mocidade e me sinto gelo”. O filósofo tinha também uma relação conflituosa com a mãe, Johanna Schopenhauer, então viúva e dona de um salão literário, frequentado por vários pensadores; entre estes Goethe, com o qual Schopenhauer travou amizade. Os atritos entre mãe e filho eram constantes. As agressões verbais eram mútuas.

Ele chegou a dizer que a mãe seria lembrada tão-somente por ser sua mãe e não pelos romances românticos dela, que o filho detestava, e que faziam sucesso na época. Johanna também lhe arremessava palavras corrosivas. Segundo ela, o pessimismo do filho pesava-lhe “como um chumbo” em sua alma. E sua metralhadora continua: “Você é insuportável e opressivo e muito difícil de se conviver; todas suas boas qualidades são obscurecidas por seu convencimento e tornadas inúteis para o mundo porque você não pode conter sua tendência de criticar as outras pessoas”.

‘Ler qualquer coisa é prejudicial’

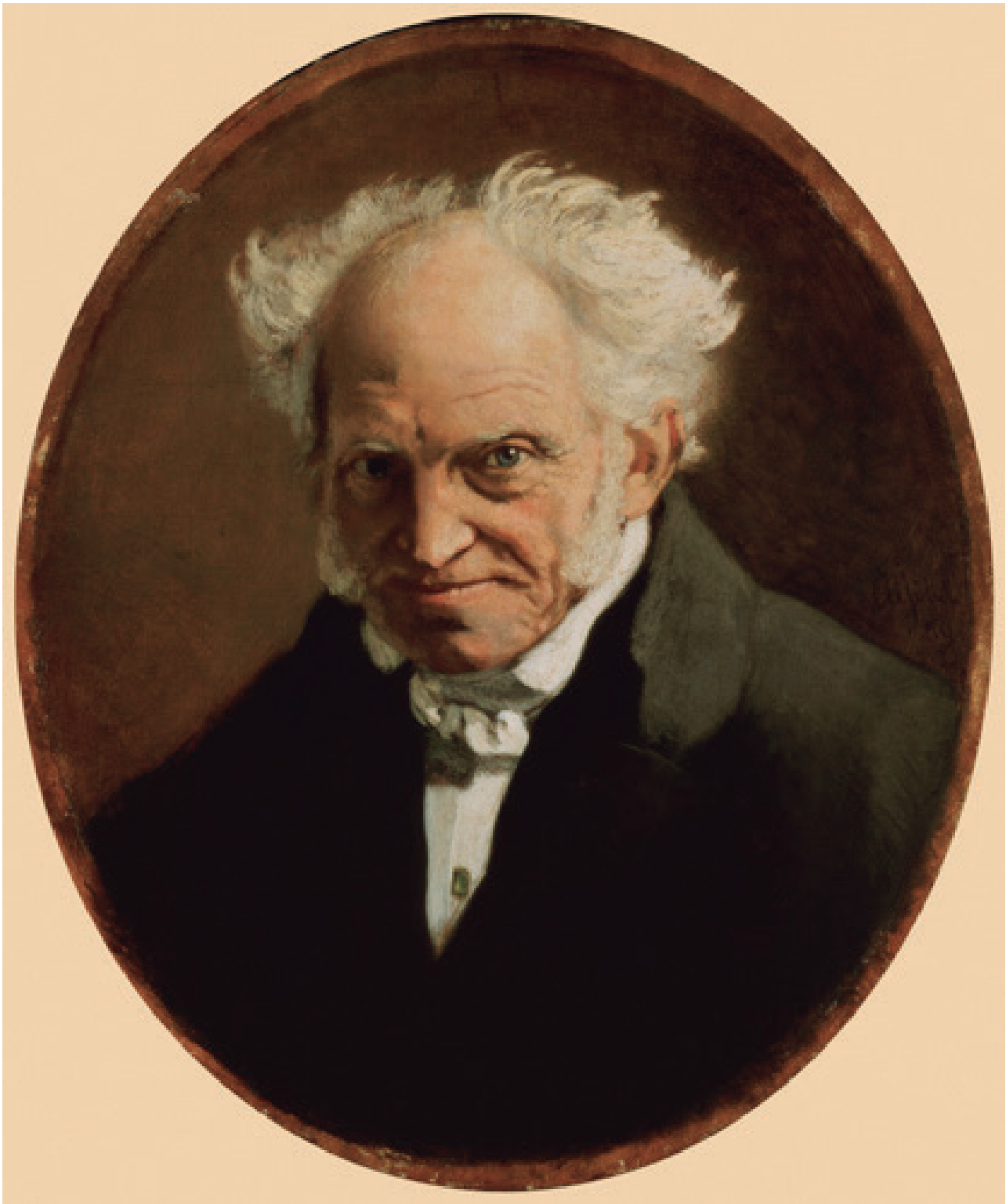
Schopenhauer, no capítulo intitulado de “Sobre a leitura e os livros”, diz que “a ignorância degrada os homens quando se encontra associada à riqueza”. O pobre é excluído dessa degradação pelo fato de que “os trabalhos substituem o saber e ocupam seu pensamento”.

Ele cita que, em vez de as pessoas lerem “os melhores (livros) de todos os tempos, leem apenas a última novidade”. A “imprensa ligada às letras” também leva puxão de orelha: “(...) constitui um meio engenhoso de roubar, ao público interessado em estética, o tempo que deveria ser dedicado aos produtos autênticos do gênero”. Sua recomendação sobre afastamento dos livros “ruins” chega a ser até antagônica: “Por isso é tão importante, em relação ao nosso hábito

de ler, a arte de não ler”.

Para ele, “quando lemos, outra pessoa pensa por nós, (...) quando lemos, somos dispensados em grande parte do trabalho de pensar”. Esse ato de ler sem pensar, segundo Schopenhauer, levou muitos “eruditos ficarem burros de tanto de ler”.

Uma literatura de qualidade, que envolva a capacidade de persuasão, a riqueza de imagens, o dom da comparação, a ousadia, a concisão, a leveza de expressão, conforme o autor, não “pode ser adquirida pelo simples fato de lermos escritores que possuem tais qualidades”. A leitura é proveitosa “na medida em que ela nos mostra o uso que podemos fazer de nossos dons naturais; portanto, pressupondo sempre a existência destes”.



INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Senador Wilder quer pontos de recarga para carros elétricos

JOÃO CARVALHO

O senador Wilder Moraes participou nesta quarta-feira, 1º, de Audiência Pública Interativa na Comissão de Infraestrutura do Senado destinada a debater e identificar alternativas para a recarga de veículos elétricos e instruir o Projeto de Lei da Câmara nº 65, de 2014, que “institui a obrigatoriedade de instalação de pontos de recarga para veículos elétricos em vias públicas e em ambientes residenciais e comerciais”.

Wilder é favorável à medida, mas com ressalvas. O senador reconhece a importância dessa nova tecnologia que, apesar de ser inovadora e que reduz muitos impactos ambientais por não utilizar combustível fóssil, não pode ser bancada pelo governo, enfim, pela sociedade, quanto ao abastecimento.

Ele explica a sua posição. Apoia e incentiva o uso de carros elétricos e a implantação de pontos de recarga em vias públicas e prédios residenciais, mas desde que o usuário do veículo arque com os custos, assim como ocorre com os veículos movidos à combustão.

Segundo o senador, por enquanto apenas um percentual muito pequeno da população possui condições financeiras de adquirir um carro elétri-

co, pois o mais barato a venda no País gira em torno de R\$ 100.000,00, sendo injusto que as pessoas que não possuem este tipo de veículo paguem pela energia consumida para esse fim. A cobrança deveria ser individualizada, assim como tudo que é de uso coletivo (água e energia em condomínios e até gás, por exemplo).

Wilder diz que a fabricação e uso de veículos movidos a energia elétrica é um caminho sem volta. Hoje essa é a tendência em países europeus e também no Japão, Coreia e EUA, onde existem milhares de postos de recarga, uma vez que a maioria dos modelos disponíveis tem pouca autonomia.

Movido a vantagens

Sabe-se que o custo de energia elétrica despendida por veículos elétricos com um sistema de armazenamento de energia em baterias corresponde a um terço do valor do custo do combustível utilizado por veículos com motores de combustão interna, para a mesma distância percorrida e em condições idênticas de utilização.

Considerando que cada litro da gasolina custa aproximadamente R\$3,60, um carro com consumo médio de 10 km/litro, ao percorrer 120 km irá gastar um



Wilder destaca que usuários devem arcar com os custos, e não o governo

total de R\$43,20 em combustível. Agora, com o custo médio de R\$ 0,29 por kWh e um rendimento de 11 km/kWh, um carro elétrico gastaria apenas R\$ 3,20 para percorrer o mesmo trajeto.

Todas essas vantagens, segundo o senador Wilder Moraes, esbarram em dois problemas: pontos de recarga das baterias e o preço dos veículos,

ainda muito alto. O debate sobre os pontos de recarga está sendo realizado nesse momento pelas entidades, envolvendo também o Senado.

Para popularizar a compra e uso dos veículos elétricos, é preciso rever a questão dos impostos que incidem, a exemplo do IPI, que incide em 55% em cima dos carros elétricos. “As

tecnologias para produção de carros elétricos e híbridos já existem. Não são novidades na maioria dos países desenvolvidos. Como também não é novidade no Brasil a alta incidência de impostos sobre a produção e venda de carros, o que pode e deve ser discutido no Senado para avançarmos”, afirma o senador Wilder.

VIDA

MULHER

cevam.vidamulher@gmail.com

CEVAM

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA MULHER
CONSUELO NASSER

35 ANOS

Goiânia, Goiás – 05/06/2016 – Nº 113

Siron Franco doa quadro ao Cevam

O artista plástico Siron Franco doará a sua obra *Cotidiano 2008* ao Centro de Valorização da Mulher (Cevam). A entrega do trabalho acontece, a partir das 19 horas, na próxima terça-feira, 7 de junho, durante um coquetel Sala do Artista na Casa Cor Goiás 2016.

O evento está sendo organizado pela Sá + Spessatto [arquitetas Natália Sá e Andrea Spessatto] e Eu e a Psicologia (psicóloga Auriane Rissi). Aliás, o espaço foi criado pelas arquitetas como um tributo ao talento de Siron Franco, que é uma referência mundial no universo das artes, além de, também, antecipar as homenagens aos 70 anos do mago das cores, texturas, formas e olhar coletivo.

A psicóloga Auriane Rissi, que também é uma voluntária do Cevam, onde realiza vivências com as adolescentes vítimas de abusos sexuais, além de atender em seu consultório acolhidas pela instituição, adianta que a entrega da obra à ativista dos Direitos Humanos Maria Cecília Machado, criadora do programa Castelo do Sonho, em 2005, para o Cevam, será presenciada por convidados.

No ambiente, estão expostas esculturas inéditas do acervo pessoal do artista, assim como uma tela preparada para sua próxima exposição, que ele faz questão de brindar os amigos que visitam o lugar. A próxima mostra de Siron Franco, *Retrospectiva*, terá por peça central o Bezerro de Ouro, que será circundado por outras nove grandes pinturas. A manifestação jubilar acontecerá em junho do próximo ano, em 2017.



VOLUNTARIADO

Durante 48 horas, na Mostra Cultural Segurança Pública do Uni-Anhanguera, em Goiânia, a história do Cevam, assim como a sua atuação no últimos 35 anos da vida Goiana, foi narrada por quatro alunos [Kaique Magalhães Souza, Vanessa da Silva Rodrigues, Gabrielly Lorrany Mariano da Silva e Gabrielly Mariana de Jesus] do curso de Tecnologia em Segurança Pública daquela instituição de ensino. No Espaço Cevam, também, foram distribuídos panfletos sobre o Ligue 180, uma campanha da instituição goiana, que visa divulgar o número de telefone em que as vítimas de violência doméstica e sexual, ou quem saiba sobre a ocorrência desses crimes, possa denunciar os casos a esse serviço criado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR), em 2005. A Mostra Cultural Segurança Pública foi organizada pela professora Karla Vaz e os alunos do Curso de Tecnologia em Segurança Pública, que é coordenado professora Vânia Dourado.

No Brasil, **1 mulher** é estuprada a cada **11 minutos**.

MANUAL DAS ELEIÇÕES 2016

Sucesso em Goianésia



FOTOS: SINESIO OLIVEIRA

PARTIDO PROGRESSISTA

Quatro dos craques da Camisa 11



CORONEL SÍLVIO – APARECIDA



CIDA – CACHOEIRA DOURADA



JOSÉ ANTÔNIO – CAMPO ALEGRE



JORGE DO ESCRITÓRIO – FIRMINÓPOLIS